

# MULHER EM (DIS)CURSO

Palmira Heine Alvarez  
André Luiz Gaspari Madureira  
Illa Ptres de Azevedo  
(Organizadores)



**Atena**  
Editora

Ano 2020

# MULHER EM (DIS)CURSO

Palmira Heine Alvarez  
André Luiz Gaspari Madureira  
Illa Ptres de Azevedo  
(Organizadores)



**Atena**  
Editora

Ano 2020

**Editora Chefe**

Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

**Assistentes Editoriais**

Natalia Oliveira

Bruno Oliveira

Flávia Roberta Barão

**Bibliotecária**

Janaina Ramos

**Projeto Gráfico e Diagramação**

Natália Sandrini de Azevedo

Camila Alves de Cremona

Karine de Lima Wisniewski

Luiza Alves Batista

Maria Alice Pinheiro

**Imagens da Capa**

Shutterstock

**Edição de Arte**

Luiza Alves Batista

**Revisão**

Os Autores

2020 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do Texto © 2020 Os autores

Copyright da Edição © 2020 Atena Editora

Direitos para esta edição cedidos à Atena Editora pelos autores.



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição 4.0 Internacional (CC BY 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores, inclusive não representam necessariamente a posição oficial da Atena Editora. Permitido o *download* da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

A Atena Editora não se responsabiliza por eventuais mudanças ocorridas nos endereços convencionais ou eletrônicos citados nesta obra.

Todos os manuscritos foram previamente submetidos à avaliação cega pelos pares, membros do Conselho Editorial desta Editora, tendo sido aprovados para a publicação.

**Conselho Editorial****Ciências Humanas e Sociais Aplicadas**

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso

Prof. Dr. Américo Junior Nunes da Silva – Universidade do Estado da Bahia

Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais

Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília

Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense

Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa

Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia

Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá  
Prof. Dr. Elson Ferreira Costa – Universidade do Estado do Pará  
Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima  
Prof. Dr. Gustavo Henrique Cepolini Ferreira – Universidade Estadual de Montes Claros  
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionale delle Figlie de Maria Ausiliatrice  
Prof. Dr. Jadson Correia de Oliveira – Universidade Católica do Salvador  
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense  
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins  
Prof. Dr. Luis Ricardo Fernandes da Costa – Universidade Estadual de Montes Claros  
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte  
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Pontifícia Universidade Católica de Campinas  
Profª Drª Maria Luzia da Silva Santana – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul  
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Drª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador  
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará  
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande  
Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

#### **Ciências Agrárias e Multidisciplinar**

Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano  
Profª Drª Carla Cristina Bauermann Brasil – Universidade Federal de Santa Maria  
Prof. Dr. Antonio Pasqualetto – Pontifícia Universidade Católica de Goiás  
Prof. Dr. Cleberton Correia Santos – Universidade Federal da Grande Dourados  
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná  
Profª Drª Diocléa Almeida Seabra Silva – Universidade Federal Rural da Amazônia  
Prof. Dr. Écio Souza Diniz – Universidade Federal de Viçosa  
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul  
Prof. Dr. Fágner Cavalcante Patrocínio dos Santos – Universidade Federal do Ceará  
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia  
Prof. Dr. Jael Soares Batista – Universidade Federal Rural do Semi-Árido  
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Profª Drª Lina Raquel Santos Araújo – Universidade Estadual do Ceará  
Prof. Dr. Pedro Manuel Villa – Universidade Federal de Viçosa  
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão  
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará  
Profª Drª Talita de Santos Matos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Prof. Dr. Tiago da Silva Teófilo – Universidade Federal Rural do Semi-Árido  
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

#### **Ciências Biológicas e da Saúde**

Prof. Dr. André Ribeiro da Silva – Universidade de Brasília  
Profª Drª Anelise Levay Murari – Universidade Federal de Pelotas  
Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás  
Prof. Dr. Douglas Siqueira de Almeida Chaves -Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Prof. Dr. Edson da Silva – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri

Profª Drª Eleuza Rodrigues Machado – Faculdade Anhanguera de Brasília  
Profª Drª Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina  
Profª Drª Eysler Gonçalves Maia Brasil – Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira  
Prof. Dr. Ferlando Lima Santos – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia  
Profª Drª Gabriela Vieira do Amaral – Universidade de Vassouras  
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria  
Prof. Dr. Helio Franklin Rodrigues de Almeida – Universidade Federal de Rondônia  
Profª Drª Iara Lúcia Tescarollo – Universidade São Francisco  
Prof. Dr. Igor Luiz Vieira de Lima Santos – Universidade Federal de Campina Grande  
Prof. Dr. Jesus Rodrigues Lemos – Universidade Federal do Piauí  
Prof. Dr. Jônatas de França Barros – Universidade Federal do Rio Grande do Norte  
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará  
Prof. Dr. Luís Paulo Souza e Souza – Universidade Federal do Amazonas  
Profª Drª Magnólia de Araújo Campos – Universidade Federal de Campina Grande  
Prof. Dr. Marcus Fernando da Silva Praxedes – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia  
Profª Drª Mylena Andréa Oliveira Torres – Universidade Ceuma  
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte  
Prof. Dr. Paulo Inada – Universidade Estadual de Maringá  
Profª Drª Regiane Luz Carvalho – Centro Universitário das Faculdades Associadas de Ensino  
Profª Drª Renata Mendes de Freitas – Universidade Federal de Juiz de Fora  
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

#### **Ciências Exatas e da Terra e Engenharias**

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto  
Prof. Dr. Carlos Eduardo Sanches de Andrade – Universidade Federal de Goiás  
Profª Drª Carmen Lúcia Voigt – Universidade Norte do Paraná  
Prof. Dr. Douglas Gonçalves da Silva – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia  
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná  
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará  
Profª Dra. Jéssica Verger Nardeli – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho  
Prof. Dr. Juliano Carlo Rufino de Freitas – Universidade Federal de Campina Grande  
Profª Drª Luciana do Nascimento Mendes – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte  
Prof. Dr. Marcelo Marques – Universidade Estadual de Maringá  
Profª Drª Neiva Maria de Almeida – Universidade Federal da Paraíba  
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte  
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

#### **Linguística, Letras e Artes**

Profª Drª Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins  
Profª Drª Angeli Rose do Nascimento – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro  
Profª Drª Carolina Fernandes da Silva Mandaji – Universidade Tecnológica Federal do Paraná  
Profª Drª Denise Rocha – Universidade Federal do Ceará  
Prof. Dr. Fabiano Tadeu Grazioli – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões  
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná

Profª Drª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso

Profª Drª Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará

Profª Drª Sandra Regina Gardacho Pietrobon – Universidade Estadual do Centro-Oeste

Profª Drª Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia

### **Conselho Técnico Científico**

Prof. Me. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo

Prof. Me. Adalberto Zorzo – Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza

Prof. Me. Adalto Moreira Braz – Universidade Federal de Goiás

Prof. Dr. Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba

Prof. Dr. Adilson Tadeu Basquerote Silva – Universidade para o Desenvolvimento do Alto Vale do Itajaí

Prof. Me. Alexsandro Teixeira Ribeiro – Centro Universitário Internacional

Prof. Me. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão

Profª Ma. Anne Karynne da Silva Barbosa – Universidade Federal do Maranhão

Profª Drª Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico

Profª Drª Andrezza Miguel da Silva – Faculdade da Amazônia

Prof. Dr. Antonio Hot Pereira de Faria – Polícia Militar de Minas Gerais

Prof. Me. Armando Dias Duarte – Universidade Federal de Pernambuco

Profª Ma. Bianca Camargo Martins – UniCesumar

Profª Ma. Carolina Shimomura Nanya – Universidade Federal de São Carlos

Prof. Me. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro

Prof. Ma. Cláudia de Araújo Marques – Faculdade de Música do Espírito Santo

Profª Drª Cláudia Taís Siqueira Cagliari – Centro Universitário Dinâmica das Cataratas

Prof. Me. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará

Profª Ma. Daniela da Silva Rodrigues – Universidade de Brasília

Profª Ma. Daniela Remião de Macedo – Universidade de Lisboa

Profª Ma. Dayane de Melo Barros – Universidade Federal de Pernambuco

Prof. Me. Douglas Santos Mezacas – Universidade Estadual de Goiás

Prof. Me. Edevaldo de Castro Monteiro – Embrapa Agrobiologia

Prof. Me. Eduardo Gomes de Oliveira – Faculdades Unificadas Doctum de Cataguases

Prof. Me. Eduardo Henrique Ferreira – Faculdade Pitágoras de Londrina

Prof. Dr. Edwaldo Costa – Marinha do Brasil

Prof. Me. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita

Prof. Me. Ernane Rosa Martins – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás

Prof. Me. Eivaldo de Sousa Costa Junior – Prefeitura Municipal de São João do Piauí

Profª Ma. Fabiana Coelho Couto Rocha Corrêa – Centro Universitário Estácio Juiz de Fora

Prof. Dr. Fabiano Lemos Pereira – Prefeitura Municipal de Macaé

Prof. Me. Felipe da Costa Negrão – Universidade Federal do Amazonas

Profª Drª Germana Ponce de Leon Ramírez – Centro Universitário Adventista de São Paulo

Prof. Me. Gevair Campos – Instituto Mineiro de Agropecuária

Prof. Dr. Guilherme Renato Gomes – Universidade Norte do Paraná

Prof. Me. Gustavo Krahl – Universidade do Oeste de Santa Catarina

Prof. Me. Helton Rangel Coutinho Junior – Tribunal de Justiça do Estado do Rio de Janeiro

Profª Ma. Isabelle Cerqueira Sousa – Universidade de Fortaleza

Profª Ma. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia

Prof. Me. Javier Antonio Albornoz – University of Miami and Miami Dade College

Prof. Me. Jhonatan da Silva Lima – Universidade Federal do Pará  
Prof. Dr. José Carlos da Silva Mendes – Instituto de Psicologia Cognitiva, Desenvolvimento Humano e Social  
Prof. Me. Jose Elyton Batista dos Santos – Universidade Federal de Sergipe  
Prof. Me. José Luiz Leonardo de Araujo Pimenta – Instituto Nacional de Investigación Agropecuaria Uruguay  
Prof. Me. José Messias Ribeiro Júnior – Instituto Federal de Educação Tecnológica de Pernambuco  
Profª Drª Juliana Santana de Curcio – Universidade Federal de Goiás  
Profª Ma. Juliana Thaisa Rodrigues Pacheco – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Drª Kamilly Souza do Vale – Núcleo de Pesquisas Fenomenológicas/UFPA  
Prof. Dr. Kárpio Márcio de Siqueira – Universidade do Estado da Bahia  
Profª Drª Karina de Araújo Dias – Prefeitura Municipal de Florianópolis  
Prof. Dr. Lázaro Castro Silva Nascimento – Laboratório de Fenomenologia & Subjetividade/UFPR  
Prof. Me. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Ma. Lilian Coelho de Freitas – Instituto Federal do Pará  
Profª Ma. Liliani Aparecida Sereno Fontes de Medeiros – Consórcio CEDERJ  
Profª Drª Lívia do Carmo Silva – Universidade Federal de Goiás  
Prof. Me. Lucio Marques Vieira Souza – Secretaria de Estado da Educação, do Esporte e da Cultura de Sergipe  
Prof. Me. Luis Henrique Almeida Castro – Universidade Federal da Grande Dourados  
Prof. Dr. Luan Vinicius Bernardelli – Universidade Estadual do Paraná  
Prof. Dr. Michel da Costa – Universidade Metropolitana de Santos  
Prof. Dr. Marcelo Máximo Purificação – Fundação Integrada Municipal de Ensino Superior  
Prof. Me. Marcos Aurelio Alves e Silva – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo  
Profª Ma. Maria Elanny Damasceno Silva – Universidade Federal do Ceará  
Profª Ma. Marileila Marques Toledo – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri  
Prof. Me. Ricardo Sérgio da Silva – Universidade Federal de Pernambuco  
Prof. Me. Rafael Henrique Silva – Hospital Universitário da Universidade Federal da Grande Dourados  
Profª Ma. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal  
Prof. Me. Sebastião André Barbosa Junior – Universidade Federal Rural de Pernambuco  
Profª Ma. Silene Ribeiro Miranda Barbosa – Consultoria Brasileira de Ensino, Pesquisa e Extensão  
Profª Ma. Solange Aparecida de Souza Monteiro – Instituto Federal de São Paulo  
Prof. Me. Tallys Newton Fernandes de Matos – Faculdade Regional Jaguaribana  
Profª Ma. Thatianny Jasmine Castro Martins de Carvalho – Universidade Federal do Piauí  
Prof. Me. Tiago Silvio Dedoné – Colégio ECEL Positivo  
Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

**Editora Chefe:** Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira  
**Bibliotecária:** Janaina Ramos  
**Diagramação:** Maria Alice Pinheiro  
**Edição de Arte:** Luiza Alves Batista  
**Revisão:** Os Autores  
**Organizadores:** Palmira Heine Alvarez  
André Luiz Gaspari Madureira  
Illa Pires de Azevedo

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)**

M956 Mulher em (Dis)curso / Organizadores Palmira Heine Alvarez, André Luiz Gaspari Madureira, Illa Pires de Azevedo. – Ponta Grossa - PR: Atena, 2020.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-65-5706-475-7

DOI 10.22533/at.ed.757201310

1. Mulher. 2. Discurso. 3. Linguagem. I. Alvarez, Palmira Heine (Organizadora). II. Madureira, André Luiz Gaspari (Organizador). III. Azevedo, Illa Pires de (Organizadora) Título.

CDD 305.4

Elaborado por Bibliotecária Janaina Ramos – CRB-8/9166

**Atena Editora**

Ponta Grossa – Paraná – Brasil

Telefone: +55 (42) 3323-5493

[www.atenaeditora.com.br](http://www.atenaeditora.com.br)

[contato@atenaeditora.com.br](mailto:contato@atenaeditora.com.br)



## APRESENTAÇÃO

O livro ora apresentado é resultado de uma série de reflexões sobre o tema *mulher e discurso*, através de diversos aspectos que recobrem essa temática, tais como: os modos de discursivização da violência contra mulheres, mulher e literatura, as representações do feminino em contos de fadas tradicionais, a mulher e as relações homoafetivas discursivizadas em redes sociais, mulher e música, mulher e beleza, além da fragmentação do feminino na contemporaneidade.

Tais temáticas e seus desdobramentos, pensados à luz da Análise de Discurso, oferecem aos leitores a possibilidade de levantar o véu da opacidade que se apresenta através da linguagem, voltando o olhar em direção aos sentidos sobre mulher no discurso, na sua dimensão histórica e ideológica, trazendo à baila questionamentos, reflexões, deslocamentos e desdobramentos diversos.

A obra contribui para se pensar a identidade e a representação feminina como um elemento de discurso, construído na e pela linguagem, seja na sua dimensão verbal ou não verbal, afetada pela historicidade e pela memória social. Como elemento de discurso, a ideia de ser mulher é afetada por deslocamentos que problematizam a noção do feminino na discursividade nas diversas formas de materialização da ideologia que, naturalizando sentidos, faz com que os sujeitos de discurso não se deem conta de que estão sendo constituídos pelos enunciados que significam na sua dimensão histórica.

Os capítulos desta obra, portanto, possuem um ponto que os une, qual seja: a ideia de que a feminilidade, construída em diferentes materialidades analisadas pelos presentes estudos faz retomar representações sócio-históricas que constituem o dizer. Essas representações são abordadas nos textos que constituem esse livro, costurados a partir das ideias do filósofo francês Michel Pêcheux, cujas reflexões deram origem à teoria de Análise de discurso, também denominada de Análise materialista de discurso ou ainda Análise de discurso de viés pecheutiano.

O primeiro capítulo, intitulado **TRABALHO E DIGNIDADE FEMININA - APONTAMENTOS A PARTIR DO MULHERIO (1981-1988)**, apresenta uma análise acerca do jornal Mulherio. Nela, podemos perceber como esse veículo de comunicação, em meio à década de 80 do século XX, rompe com o silêncio local acerca de certos dizeres sobre a mulher e promove a circulação de efeitos de sentido até então interditados.

Já no segundo capítulo – **DISCURSO ENTRE MULHERES: de Clarice Lispector a Tereza Quadros** –, é feito um estudo sobre o efeito de autoria na constituição de dizeres de duas mulheres, ou melhor, de uma mulher: Tereza Quadros, pseudônimo da escritora Clarice Lispector. Em meio a esse fenômeno que, em primeira instância, podemos chamar de *desdobramento de efeito de autoria*, discute-se como se dá a projeção interdiscursiva a partir da qual é promovida a existência de Tereza Quadros.

Em **EFEITOS DE SENTIDOS EM UMA PEÇA PUBLICITÁRIA DA PREFEITURA**

**DA CIDADE DE SALVADOR EM PREVENÇÃO À VIOLÊNCIA CONTRA MULHERES**, a ideia principal do artigo se volta a um aspecto social brasileiro que remonta aos tempos da colonização: a violência contra a mulher. Nesse estudo veremos como alguns discursos que promovem o assédio sexual feminino passam a funcionar, em peças publicitárias, a partir de uma reinscrição interdiscursiva cujo efeito se torna de estímulo ao combate a essas ações de violência feminina.

No capítulo **A DISCURSIVIZAÇÃO SOBRE CASAMENTO E FAMÍLIA EM RELAÇÕES HOMOAFETIVAS ENTRE MULHERES NO INSTAGRAM**, o ambiente virtual é explorado em uma análise sobre relações homoafetivas entre mulheres. Nesse formato contemporâneo de discursivização dessas relações, cabe interrogar como efeitos de sentido sobre casamento e família passam a se constituir em meio a esse contexto e quais são suas implicações sócio-discursivas.

A abordagem do feminino na internet também tem lugar no capítulo **A MULHER NA CONTEMPORANEIDADE: SUA FRAGMENTAÇÃO, HIERARQUIZAÇÃO E DEMONIZAÇÃO**. Nele, podemos perceber, do ponto de vista discursivo, como a mídia promove o controle de corpos, em meio ao que podemos chamar de *tecnologia de gênero*.

Os aspectos discursivos que envolvem o feminino e os contos de fada tradicionais são abordados no artigo **DESLOCAMENTOS NAS MODALIDADES DE SUBJETIVAÇÃO DO SUJEITO MULHER**. Trata-se de um estudo que permeia o âmbito das histórias de princesa, mas desta vez mediante releituras cinematográficas que denunciam mudanças no comportamento feminino. O que está em questão aqui é o movimento de desconstrução que possibilita o questionamento acerca do lugar da mulher na sociedade.

No artigo intitulado **A BELEZA FEMININA: O DISCURSO SOBRE A BELEZA NA FANPAGE DE COSMÉTICOS DA MARCA NÍVEA** busca-se discutir os modos de discursivização da beleza feminina em propagandas de cosméticos da marca Nívea, destacando que a beleza é uma construção simbólica e cultural e, portanto, um elemento de discurso que faz circular sentidos inscritos na história. A AD pecheutiana também é a base para as reflexões e análises propostas neste artigo, que concebe a beleza como elemento construído ideologicamente.

Por fim, o artigo intitulado **AS PIRIGUETES E A DISCURSIVIZAÇÃO DA MULHER EM MÚSICAS DO PAGODE BAIANO** objetiva discutir sobre as formas de discursivização da mulher em letras de música de pagode baiano, gênero musical muito popular na Bahia, que constrói identidades e representações femininas com base na estereotipização da sexualidade e do corpo da mulher.

Assim, os modos de construção dos artigos ora apresentados neste livro, indicam uma costura coesa que nos remete, a partir das linhas da Análise materialista de discurso, a um tecido diverso na sua unidade, possibilitando reflexões e debates sobre o feminino no discurso, a mulher em (dis)curso, no curso da história, da sociedade e da linguagem; a mulher que é dita e diz, que é construída no jornal, nas propagandas, na literatura, nos

contos, nas redes sociais, enfim na dimensão sócio-histórica da linguagem, que, como um sistema que materializa discursos, gera e faz circular sentidos na teia da história.

## SUMÁRIO

<b>CAPÍTULO 1</b> .....	<b>1</b>
TRABALHO E DIGNIDADE FEMININA - APONTAMENTOS A PARTIR DO MULHERIO (1981-1988)	
Palmira Heine Alvarez Andréia Abdon Peixoto	
<b>DOI 10.22533/at.ed.7572013101</b>	
<b>CAPÍTULO 2</b> .....	<b>13</b>
DISCURSO ENTRE MULHERES DE CLARICE LISPECTOR A TEREZA QUADROS	
Josiane Pereira da Conceição André Luiz Gaspari Madureira	
<b>DOI 10.22533/at.ed.7572013102</b>	
<b>CAPÍTULO 3</b> .....	<b>30</b>
EFEITOS DE SENTIDOS EM UMA PEÇA PUBLICITÁRIA DA PREFEITURA DA CIDADE DE SALVADOR EM PREVENÇÃO À VIOLÊNCIA CONTRA MULHERES	
Gilberto Nazareno Telles Sobral Nadia de Jesus Santos	
<b>DOI 10.22533/at.ed.7572013103</b>	
<b>CAPÍTULO 4</b> .....	<b>42</b>
A DISCURSIVIZAÇÃO SOBRE CASAMENTO E FAMÍLIA EM RELAÇÕES HOMOAFETIVAS ENTRE MULHERES NO INSTAGRAM	
Anderson de Almeida Santos Palmira Virgínia Bahia Heine Alvarez	
<b>DOI 10.22533/at.ed.7572013104</b>	
<b>CAPÍTULO 5</b> .....	<b>55</b>
A MULHER NA CONTEMPORANEIDADE: SUA FRAGMENTAÇÃO, HIERARQUIZAÇÃO E DEMONIZAÇÃO	
Ireneide Santos Costa	
<b>DOI 10.22533/at.ed.7572013105</b>	
<b>CAPÍTULO 6</b> .....	<b>69</b>
DESLOCAMENTOS NAS MODALIDADES DE SUBJETIVAÇÃO DO SUJEITO MULHER	
Reginete de Jesus Lopes Meira Sátiro	
<b>DOI 10.22533/at.ed.7572013106</b>	
<b>CAPÍTULO 7</b> .....	<b>84</b>
BELEZA FEMININA: O DISCURSO SOBRE A BELEZA NA FANPAGE DE COSMÉTICOS DA MARCA NÍVEA	
Laura Camila dos Santos Santana	
<b>DOI 10.22533/at.ed.7572013107</b>	
<b>CAPÍTULO 8</b> .....	<b>96</b>
AS PIRIGUETES E A DISCURSIVIZAÇÃO DA MULHER EM MÚSICAS DO PAGODE BAIANO	
Mislene Carvalho da Paixão	
<b>DOI 10.22533/at.ed.7572013108</b>	
<b>SOBRE OS AUTORES</b> .....	<b>108</b>

## EFEITOS DE SENTIDOS EM UMA PEÇA PUBLICITÁRIA DA PREFEITURA DA CIDADE DE SALVADOR EM PREVENÇÃO À VIOLÊNCIA CONTRA MULHERES

**Gilberto Nazareno Telles Sobral**  
**Nadia de Jesus Santos**

### 1 | INTRODUÇÃO

A violência contra as mulheres é um problema que acontece no Brasil desde os primeiros anos de colonização, entretanto ignorada por predominar na sociedade um pensamento patriarcal.

Por muitos anos, as violências física, moral, psicológica e sexual sofridas pelo gênero feminino foram silenciadas. Ainda hoje, por exemplo, quando uma mulher é agredida pelo esposo, é comum a reprodução de um ditado popular, no qual “em briga de marido e mulher, ninguém mete a colher”.

Via de regra, se a mulher é abusada sexualmente pelo companheiro e denunciar, ainda surgem críticas, porque há quem diga que, casada, a mulher tem de cumprir sua obrigação de esposa, ou seja, manter relação sexual mesmo sem vontade ou indisposta, pois se casou para isso. Quando a violência ocorre na rua, de imediato, interroga-se sobre as vestimentas, as companhias e comumente surgem dizeres como “pode ser que ela tenha dado lugar”, “a carne do homem é fraca” e “mulher que tem de se valorizar”, entre outros,

que fazem parte de dizeres autorizados por uma formação discursiva machista.

Assim, a mulher ainda ocupa o lugar de responsável em discursos que circulam na sociedade após algum tipo de violência sofrida; mesmo sendo a agredida, buscam-se justificativas para culpá-la. Na maioria das vezes, o agressor não sofre nenhuma punição pelos atos cometidos. Ainda se vive em uma sociedade regida pelo patriarcalismo e as mulheres seguem reféns desta estrutura, todavia, felizmente, tem sido maior a oportunidade de defesa em virtude da coragem de mulheres que lutam por igualdade de direitos desde os primeiros anos de Brasil.

Além dos tipos de violência frequentemente denunciados nas delegacias de apoio às mulheres, a exemplo da violência física, a violência sexual fora do ambiente familiar ainda é um problema a ser combatido. Na cidade de Salvador, por exemplo, tal comportamento foi banalizado por muito tempo e, muitas vezes, até consentido em nome do desenvolvimento turístico da cidade. Influenciadas pela ideia de casar com um estrangeiro, que, simbolicamente, representa sair da situação de miserabilidade, muitas soteropolitanas têm sido vítimas de exploração sexual.

O turismo sexual, internacionalmente, teve início durante a segunda guerra mundial,

entretanto, conforme Dias Filho (1998), apenas em 1970, a relação com o turismo oficial ficou mais clara, tendo como os principais destinos as Filipinas, a Tailândia, a América Central e a Alemanha. As agências legalizadas estavam em países como o Japão, a Alemanha, a França, os Estados Unidos e a Itália.

Nesse contexto, o Brasil vivia a ditadura militar e, dentre outras causas, abraçou o ufanismo, passando a usar os estereótipos que identificam o nosso território como país e povo, ou seja, a ideia de que o Brasil é o país do futebol, de belas mulatas e de lindas praias passou a ser divulgada internacionalmente. A partir daí, ainda conforme Dias Filho (2004), em 1980, o Brasil estava consolidado dentro das rotas de turismo sexual. A cidade do Rio de Janeiro e algumas outras do Nordeste, em especial Salvador, eram e ainda são as mais procuradas pelos turistas.

O fato de Salvador ter mais de 70% das mulheres negras contribuiu para que a cidade se tornasse rota para este tipo de turismo, tendo em vista que o estereótipo do sensualismo da mulata foi e é bastante explorado em campanhas publicitárias, inclusive de entidades governamentais. Propositamente ou não, muitas campanhas publicitárias contribuíram para o interesse internacional nas mulheres soteropolitanas.

Os discursos construídos no período da colonização sobre a beleza e a sensualidade da mulher negra foram retomados em anúncios internacionais da Empresa Bahia de Turismo – Bahiatursa - na década de 80, sob o título “*La Terre du Bonheur*” (A Terra da Felicidade), quando foi produzido um catálogo exibindo a miscigenação dos baianos, como atração turística. Foram usadas frases como: “*Le charme et le beauté ont des racines africaines et européennes*” (O charme e a beleza dos habitantes vêm das raízes africanas e europeias) e “*L’allégresse et le charme de la mulâtresse, toute la tendresse de Bahia*” (Na alegria e no charme da mulata, toda a meiguice da Bahia), seguido da imagem de uma mulher mestiça em uma pose sensual, conforme Dias Filho (2004).

O referido pesquisador não acredita que a intenção do Governo foi reforçar o estereótipo, entretanto a divulgação contribuiu para o crescimento de turistas interessados em vir à Bahia para envolvimento com as belas mulheres anunciadas.

De acordo com Dias Filho (2004), a contribuição da propaganda oficial e privada – que não foi fiscalizada – teve um papel fundamental para que o Brasil entrasse definitivamente nesse circuito que movimenta milhares de dólares anuais vendendo mulheres, sexo e eventualmente drogas. Dessa forma, deu-se a consolidação do turismo sexual em Salvador e a imagem de mulher sensual e sem pudores para a sexualidade que existia, desde o período colonial, foi apenas se reproduzindo a partir de divulgações publicitárias. Não só as propagandas institucionais apelavam e apelam para a beleza da mulata com o intuito comercial.

A capital baiana possui a atividade turística como principal fonte de renda para os cofres públicos. Por isso, a imagem de “Terra da Alegria” congrega as belezas naturais e culturais como objetos comerciais altamente exploráveis. Nesse cenário, a figura da

mulher negra, em diversas peças publicitárias, torna-se um atrativo cultural utilizado pela mídia para simbolizar a cordialidade do povo baiano por meio da alegria, disponibilidade e felicidade (NUNES et al., 2017, p. 334 e 325).

A mulher soteropolitana ainda é refém do estereótipo construído no período colonial, mesmo tendo importante representação na economia e provisão do lar. Sua beleza é mais explorada que seus aspectos intelectuais. Dessa forma, as mulheres aparecem seminuas em algumas peças publicitárias, acompanhadas de homens. “Da preguiça e nudez desavergonhada associada às índias, à sensualidade escrava negra, várias são as referências que contribuíram para a criação da imagem da mulher brasileira enquanto um ícone sexual, esta sempre marcada submissão” (NUNES *et al.*, 2017, p335).

Neste contexto, políticas públicas para enfrentamento à desigualdade de gênero começaram a ser desenvolvidas no Brasil a partir das conquistas dos movimentos feministas e, gradativamente, o gênero passou a ser assistido, sendo criado, em 2003, o primeiro Plano Nacional de Políticas para as Mulheres. Com isso, os municípios passaram a criar secretarias ou departamentos para tratamento desta questão. Atualmente, diante do poder persuasivo da linguagem publicitária, uma das estratégias para o enfrentamento da violência contra mulheres, de entidades governamentais ou não, é a divulgação de campanhas publicitárias em redes sociais.

A prefeitura da cidade de Salvador-BA não tem feito diferente. Com a Secretaria de Políticas para Mulheres, Infância e Juventude, desenvolvem-se projetos e ações de prevenção à violência e, através da rede social Facebook, tem-se divulgado campanhas publicitárias em busca da conscientização da população sobre o respeito às mulheres.

Assim, diante do poder persuasivo da propaganda e da necessidade de discutir mais sobre o assunto, surge o interesse de entender como tem funcionado a linguagem publicitária de uma instituição pública no combate e prevenção à violência de gênero contra mulheres, tendo em vista que a Salvador midiática tem se apropriado da publicidade para o desenvolvimento turístico.

A Salvador midiática é feminina, festiva, acolhedora e funde-se numa identidade homogeneizante da Bahia. A imagem da baiana negra que extrapola a sua condição de pobreza e preconceito e que ainda consegue ser alegre e afetuosa, apesar do seu contexto social, é a grande constituidora da corporalidade soteropolitana. A perversidade da condição social da mulher soteropolitana negra é ocultada e acrescida de glamour, que transforma a imagem midiática da mulher baiana em um ícone identitário para o consumo cultural (NUNES *et al.*, 2017, p. 334).

Dessa forma, a mulher é apresentada como atrativo turístico, reforçando a ideia de que a mulher baiana é disponível sexualmente. Tais posicionamentos são retomados em consequência de formações discursivas machistas ainda presentes na sociedade brasileira e que possibilitam, a partir da memória discursiva, retomar discursos do período da colonização a respeito da objetificação da mulher, principalmente a negra.

Essas construções simbólicas retomadas nos discursos publicitários contribuem para que as mulheres sofram assédio sexual por homens brasileiros e, principalmente,

por turistas que, a partir dos estereótipos existentes, chegam à capital baiana tratando as mulheres como mercadorias. Neste contexto, muitas campanhas publicitárias organizadas pela Prefeitura de Salvador buscam desconstruir os discursos que têm contribuído para o aumento violência sexual na cidade.

A partir desses sentidos retomados e ressignificados em dizeres atuais, neste trabalho, visa-se apontar alguns sentidos materializados em uma peça publicitária divulgada no mês da mulher, no ano de 2017.

## 2 | REFLEXÕES TEÓRICAS: ALGUNS CONCEITOS DA ANÁLISE DE DISCURSO

Em uma perspectiva de relacionar língua e sociedade, estudos apontam que é através da linguagem que o sujeito se significa, materializa suas ideias e o mundo em que vive, trazendo as marcas da presença do outro e de si, mesmo não tendo consciência disso e acreditando ser dono de seus dizeres. Entre os estudos que versam a língua e a linguagem dessa forma está a Análise de Discurso francesa filiada a Pêcheux (AD), que fundamenta esse trabalho.

Os estudos discursivos surgiram por volta de 1960 na França quando o estruturalismo linguístico estava no auge, como sinaliza Malidier (1994, p.17), “os anos 60 [...] são os anos do estruturalismo triunfante. A linguística, promovida a ciência-piloto, estava no centro do dispositivo das ciências”. Nesta perspectiva, a língua estava sendo estudada apenas em si e por ela mesma, como um conjunto de unidades que se relacionam organizadamente dentro de um todo, exterior ao indivíduo, sendo o sujeito falante confundido com o indivíduo, desvinculado do mundo e da história, perdendo, pois, seu espaço na história.

Na tentativa de romper com uma linguística estruturalista que via a língua de forma isolada e sem nenhuma relação com o social, o filósofo Michel Pêcheux postulou outra forma de estudar a linguagem, desta vez enquanto discurso. Para fundamentar sua linha de raciocínio, Pêcheux utilizou como suporte teórico a Linguística, o Materialismo Histórico e a Psicanálise. Conforme Gregolin (2001, p.3),

na linguística, com a problematização do corte saussuriano, dando a Saussure o lugar de fundador da linguística como ciência e retomando a sua ideia de “real da língua” na noção de sistema; mas ao mesmo tempo, centralizando a análise semântica, com a ideia da não-transparência do sentido, da não-reflexividade entre signo/mundo/homem. No Materialismo Histórico, por meio da releitura althusseriana de Marx, com a ideia de que há um real da história que não é transparente para o sujeito, pois ele é assujeitado pela ideologia. Na psicanálise, por meio da releitura lacaniana de Freud, com a ideia do sujeito na sua relação com o simbólico, pensando o inconsciente como estruturado por uma linguagem.

Neste campo de estudo do discurso, relativizou-se o conceito de que a língua existe estritamente para a comunicação. Para Pêcheux (2011), a língua não preexiste à interação sujeito-discurso e não deve ser entendida como um simples instrumento de comunicação.



Com base na teoria aventada, o discurso é visto como um espaço privilegiado de manifestações ideológicas, sendo o sujeito interpelado pela ideologia para reproduzir o que será dito. Diante das relações sociais, resultado das relações de classe, “poderemos falar de uma relação de uma formação ideológica para caracterizar um elemento suscetível de intervir, tal como uma força confrontada a outras, na conjuntura ideológica característica de uma formação social em um dado momento” (PÊCHEUX, 2011, p. 72 e 73).

Para Pêcheux (1997), todo discurso se forma a partir de uma memória e do esquecimento de outro. Os sentidos vão se estabelecendo no encontro com outros sentidos. A memória discursiva é um saber que possibilita que nossas palavras tenham sentido. Esse saber corresponde a algo falado anteriormente, em outro lugar, a algo já dito, o qual continua alinhavando os nossos discursos.

A memória seria aquilo que, face a um texto que surge como acontecimento a ler, vem restabelecer os implícitos (quer dizer, mais tecnicamente, os pré-construídos, elementos citados e relatados, discursos-transversos, etc.) de que sua leitura necessita: a condição do legível em relação ao próprio legível (PÊCHEUX, 1999, p.52).

Assim, a memória é um espaço de várias facetas que possibilita, ao mesmo tempo, a repetição do pré-construído, mas que também se reinventa, desloca e reconstrói mediante um acontecimento que lhe conduz a isso.

Já o Interdiscurso é constituído por tudo que já foi dito, transformando-se em um grande complexo de formações discursivas, pois, nele, estão aglomerados todos os sentidos já construídos, não aceitando lacunas, pelo contrário, é saturado.

O interdiscurso funciona como o lugar onde se arquivam todos os discursos (dominantes e não dominantes), e a memória discursiva, ao recorrer ao interdiscurso, traz apenas aquilo que lhe interessa para alimentar a formação discursiva (SANTANA NETO, 2013 p. 15).

Nesta perspectiva, compreende-se que todos os discursos fazem parte do interdiscurso e eles são suscitados pela memória a depender da formação discursiva que o sujeito está inserido.

Segundo Pêcheux (1997), todo discurso repousa discretamente sobre um já-dito, o qual não seria simplesmente uma frase já pronunciada, um texto já escrito, mas um jamais dito, um discurso sem corpo, uma voz tão silenciosa, uma escrita que é senão o vazio de seu próprio rastro. Supõe que tudo que o discurso formula já se encontra articulado nesse meio do silêncio que lhe é prévio, que continua a correr insistentemente sobre ele, mas que ele recobre e faz calar.

Outro aspecto importante a ser considerado nesse processo, segundo Orlandi (2005), são as condições de produção, que compreendem os sujeitos e a situação. Elas podem ser entendidas a partir de dois aspectos distintos: um mais imediato e outro mais amplo.

Em sentido restrito, as condições de produção são as circunstâncias da enunciação já tencionadas como formações imaginárias, é o contexto imediato em que os dizeres foram ou são articulados.

No sentido amplo, abarcam o contexto sócio-histórico-ideológico da produção do discurso. Com isso, as formações imaginárias, no sentido restrito das condições de produção do discurso, designam o lugar que o sujeito atribui a si e ao outro, a imagem que tem de seu espaço e a imagem do espaço do outro, ou seja, o sujeito nas formações imaginárias não é um sujeito empírico, é um sujeito ideológico. É a posição do sujeito cogitada no discurso, a partir de regras de projeção, que permite a passagem da situação empírica para posição ideológica.

### 3 | A CONSTRUÇÃO DO DISCURSO EM UMA PEÇA PUBLICITÁRIA

O dia 8 de março é considerado o dia Internacional da Mulher. Há controvérsias sobre a origem desta data. Alguns movimentos feministas associam seu surgimento à greve das mulheres que trabalhavam em Nova York na *Triangle Shirtwaist Company* e, conseqüentemente, ao incêndio que ocorreu, em 1911, em que mais de 100 pessoas morreram, entretanto, a data foi definitivamente instituída pela ONU somente no ano de 1977, em homenagem à luta e às conquistas das mulheres. A escolha do dia 8 de março pela Organização, por sua vez, está relacionada com a greve das operárias russas em 1917.

Atualmente, no Brasil, a data é usada para comemoração das conquistas do movimento, assim como mais um dia de luta, conscientização e combate à desigualdade de gênero ainda tão presente na sociedade brasileira.

Tomando o tratamento conceitual da AD acerca do discurso e formação discursiva, passa-se à análise da materialidade seguinte. A peça em estudo é parte de uma campanha publicitária realizada em março de 2017, mês da mulher, pela Secretaria de Políticas para as Mulheres, Infância e Juventude em parceria com a Secretaria de Comunicação da Prefeitura de Salvador- Ba, veiculada no Facebook, rede social criada nos Estados Unidos em fevereiro de 2004 por três alunos da Universidade de Harvard - Mark Zuckerberg, Dustin Moskovitz e Chris Hughes – a qual, inicialmente, era uma página social limitada aos estudantes daquela Instituição.

Atualmente, o facebook é aberto a qualquer pessoa do mundo e conta com mais de 450 milhões de usuários, tendo como objetivo ser um espaço em que as pessoas possam se encontrar, compartilhar imagens, opiniões etc. O facebook tem funcionado como uma extensão da vida do usuário, sendo feito por muitos de diário, tornando-se um companheiro para todas as horas. Na referida rede social, publicam-se fotografias de registros do cotidiano, opiniões e impressões da realidade, relatos e desabaços.

Ao longo dos anos, o Facebook evoluiu muito, ficando cada vez mais interativo. Em 2007, lançou um plano para divulgação de classificados de forma gratuita. Apesar de, em sua essência, ter sido criada para interação entre amigos e familiares, em consequência de sua grande aceitação, a rede passou a ser um excelente meio para propagandas, em

que instituições governamentais e privadas passaram a criar perfis para divulgar suas marcas, produtos e ideias de modo interativo.

No que se refere a instituições governamentais, sempre houve a necessidade de passar informações dos trabalhos realizados aos demais membros da comunidade e isso se dava por meio de cartazes, placas, TV e rádio, exceto os documentos que precisavam ser lidos no alto de tribunas.

Com o surgimento das novas tecnologias e redes sociais, as entidades governamentais sentiram a necessidade de adequação à nova realidade para continuar garantido o acesso à informação para a população que tem se afastado cada vez mais das chamadas mídias de massa, o rádio e a TV. Além disso, uma das maiores vantagens de utilizar a internet na comunicação pública é o baixo custo e a possibilidade de “proporcionar um meio de interação através do qual o público e os políticos podem trocar informações, consultar e debater, de maneira direta, contextualizada, rápida e sem obstáculos democráticos” (MAIA, 2002, p.48). Dessa forma, o uso de sites oficiais e redes sociais por instituições governamentais é um recurso que favorece a participação da população na gestão pública.

A Secretaria de Políticas Públicas para as Mulheres, Infância e Juventude da prefeitura de Salvador-BA criou, em 2016, uma fanpage no Facebook para divulgação dos serviços e ações realizadas pela pasta. Na página, são colocadas informações de encontros, de reuniões e de eventos organizados pela Secretaria, além disso, todas as campanhas publicitárias feitas pela instituição são divulgadas também nessa plataforma. Mesmo com o acesso aberto, talvez por falta de divulgação, apenas 1.229 pessoas haviam curtido a página até o momento de coleta da materialidade desta pesquisa. Apesar do número relativamente pequeno de acesso, considerando a população da cidade de Salvador, nota-se que as redes sociais são um importante espaço para circulação e construção de sentidos.



Figura: Peça divulgada no mês da mulher 2017

Fonte: [www.facebook/smpj.salvador](http://www.facebook/smpj.salvador)

Uma peça publicitária, assim como outros dizeres, pode materializar diferentes manifestações ideológicas, “sendo assim, os sentidos vão se constituindo, vão se formando, à proporção que o discurso vai se constituindo, justamente por ser ele (o discurso) um efeito de sentido entre locutores” (LIMA, 2016, p. 75).

A peça em análise apresenta a imagem de uma mulher negra dentro de um ônibus segurando um cartaz com a sequência discursiva “O transporte é público. Meu corpo, não”. Abaixo da foto, há “Assédio sexual é crime” e, logo após, os números 180 e 190 para denúncias, com a logomarca da prefeitura, na qual há o seguinte: “Salvador: Primeira capital do Brasil”. O dicionário Aurélio (2006) traz as seguintes definições para a palavra público: “1- relativo ou pertencente a um povo, país; 2- Relativo ou pertencente ao governo de um país, estado, cidade etc”. Ao pensar o sentido da palavra na peça publicitária, o significado torna-se semelhante ao dicionarizado, pois entende-se que público é o que todos podem ter acesso, sendo que o sujeito do discurso desidentifica-se com essa condição para as mulheres, pois seu corpo não é público.

Conforme ratificado por Pêcheux e Fuchs (1997), os sentidos são estabelecidos a partir da formação discursiva em que o sujeito está inserido. A formação discursiva, conforme Pêcheux (1997, p. 160), “é aquilo que, numa formação ideológica dada, isto é, a partir de uma posição dada, numa conjuntura dada, determinada pelo estado da luta de classes, determina o que pode e deve ser dito”. A partir disso, percebe-se que a peça materializa sentidos em que a mulher se reconhece como dona do próprio corpo, não aceita mais a exploração sexual, exige respeito e consentimento para ser tocada.

Nesta perspectiva, esses sentidos são construídos pela inserção do sujeito em uma formação discursiva que se desidentifica com o discurso que caracteriza a mulher negra

como lugar de sexualidade livre, que faz parte da formação ideologia escravocrata, no período colonial e ainda presente na sociedade brasileira, principalmente em Salvador, que tem uma população predominantemente negra.

A ideologia combatida no discurso materializado na peça publicitária é oriunda de uma formação discursiva que dialoga com alguns já-ditos provenientes do período da colonização brasileira, mas que retornam ressignificados devido às condições de produção. Ao levar em consideração os sentidos construídos e o contexto sócio-histórico da produção destes, constata-se que o discurso está atravessado pela ideologia do movimento de mulheres negras, pois, dentre vários objetivos, busca-se o respeito dessas que continuam sendo vistas pela sociedade com o olhar do colonizador, ou seja, de que foram feitas para servir ao homem, seja nos afazeres domésticos ou na satisfação sexual.

A identificação dessa formação discursiva se dá pela forma em que os sentidos são materializados. Tem-se uma mulher negra com um semblante sério, que denota insatisfação, segurando um cartaz com dizeres que buscam a desconstrução de já-ditos legitimados no início da colonização, além do uso de cores símbolos de luta do movimento feminista, a exemplo do lilás.

É importante salientar que o movimento de mulheres negras surgiu no Brasil por volta de 1980, dentro do feminismo tradicional, quando algumas ativistas perceberam que as ideologias do feminismo tradicional não contemplavam as negras. Elas perceberam a falta de representatividade dentro do movimento, pois suas reivindicações eram ignoradas dentro do grupo, porque o feminismo clássico iniciou sua luta buscando a igualdade de direitos entre homens e mulheres, sendo um de seus maiores objetivos o acesso ao mercado de trabalho, entretanto esqueciam que as mulheres negras sempre trabalharam e foram exploradas violentamente por anos.

Por conta disso, as negras queriam discutir as questões trabalhistas a partir de outras vertentes, todavia não tiveram espaço. “Nota-se que existiam outras prioridades básicas para a mulher negra, e que estavam inclusive associadas à sexualidade, como a busca da melhoria da sua qualidade de vida que, naquele momento, eram mais essenciais” (LE MOS, 1997, p. 75). Os interesses das mulheres não são iguais, pois cada uma tem sua história de vida e o movimento feminista tradicional discutia os direitos a partir de uma unicidade e as ativistas negras não se viam naquela condição que estava em debate.

Ao pensar as imagens construídas a partir da formação discursiva estabelecida, percebe-se que o sujeito do discurso materializado na peça antecipa e inscreve a imagem de um sujeito homem que não respeita as mulheres, que as trata como objeto sexual, pois se sente no direito de tê-las quando quiser, já que lhe foi dado este poder historicamente. Assim, o sujeito busca a deslegitimação de discursos construídos no período em que Salvador era capital do Brasil, ressignificando-os em consequência das condições de produção e da formação discursiva com a qual o sujeito se identifica e autoriza tais dizeres.

Então, ao dizer “O transporte é público. Meu corpo não”, o sujeito remete a já-ditos

que circulam na sociedade em que o corpo da mulher é comparado a um transporte ou a qualquer outro tipo de objeto, a exemplo das seguintes sequências discursivas comumente reproduzidos: **ela é uma máquina, essa mulher é um avião, que avião!** ou **ela é toda turbinada**, dizeres muitas vezes vistos pela sociedade como elogios, mas que camuflam um discurso machista e de objetificação do corpo feminino, pois é comparado a um objeto de livre acesso.

A partir da não aceitação da objetificação feminina, o sujeito projeta a imagem de uma mulher autônoma, decidida a não aceitar a posição que lhe foi condicionada e disposta a denunciar, caso a exploração aconteça. Essa autonomia também é materializada simbolicamente pela tonalidade lilás do cartaz que a mulher segura com as mãos, pois é a cor que simboliza a luta do movimento feminista, como dito anteriormente. O sujeito é convocado a trilhar por essa formação discursiva, retomando discursos produzidos anteriormente, em outros lugares, por enunciadores que desconhecem e que talvez nunca cheguem a conhecer, mas que o tocam.

Observa-se, portanto, o predomínio dizeres oriundos de uma formação discursiva do movimento de mulheres negras, com atravessamentos de ideologias do movimento feminista tradicional, tendo como exemplo o uso das cores escuras na peça publicitária, na busca da desconstrução de discursos erguidos no Brasil Colônia, período em que a mulher negra era tratada como espaço de sexualidade livre e a mulher branca tinha a sexualidade negada. Assim, a mulher negra é construída na peça publicitária como um sujeito de direitos.

Dessa forma, a partir do momento em que a mulher não aceita a posição de objeto condicionada a ela historicamente, ocorre um processo de desidentificação do sujeito com o discurso machista e tal posicionamento revela identificação com a forma-sujeito de uma ideologia ligada ao movimento feminista de mulheres negras. Com essa identificação, o sujeito-mulher se reconhece como dono de seu corpo e de suas escolhas, ciente que a exploração sexual é crime e deve ser denunciada, caso aconteça.

#### 4 | CONCLUSÃO

A formação discursiva feminista se incumbe de buscar a deslegitimação de discursos construídos no período da colonização brasileira, mas reatualizados nos dias atuais, pois, infelizmente, ainda se vive em uma sociedade marcada pelo sexismo. Partindo, então, do pressuposto de que o discurso se constrói a partir de práticas sociais já existentes, os dizeres são significados a partir da negação de já-ditos, ou seja, outros sentidos materializam-se nas sequências discursivas “meu corpo não é um transporte público”, “Eu quero é respeito”, uma vez que, em uma formação discursiva machista, o corpo da mulher é objetificado e a luta por direitos iguais é vista como irrelevante. Dessa forma, constata-se que os sentidos são estabelecidos na peça publicitária na relação do interdiscurso com o

intradiscurso.

É através da inscrição do sujeito do discurso numa formação discursiva contrária a formações discursivas machistas que se busca abertamente o respeito ao corpo feminino e o direito de fazer suas próprias escolhas, pois, por mais que as mulheres já tenham algumas conquistas legitimadas, a concretização do respeito ao corpo, com o fim dos diversos tipos de violência, é um dos maiores desafios dos movimentos feministas na atualidade.

## REFERÊNCIAS

ARAÚJO, Emanuel. **A arte da sedução: sexualidade feminina na Colônia**. In Mary Del Priore. História das Mulheres no Brasil, 10<sup>o</sup> ed. São Paulo: Contexto, 2017.

DIAS FILHO, Jonas. **Ritas, Fulôs, Gabrielas e gringólotras e garotas de programa**: falas, práticas, textos, imagens, em torno de negras e mestiças, que apontam para a construção da identidade nacional, a partir da sensualidade atribuída a mulher brasileira. Dissertação de mestrado. Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Universidade Federal da Bahia (UFBA), Salvador, 1998.

DIAS FILHO, Antônio Jonas. **O turismo sexual no Brasil**. Semanta. Ciências Sociais e Humanidades. V, 16, 2004, p. 373-385.

DAVIS, Angela. **Mulher, Raça e Classe**. Disponível em: <https://we.riseup.net/assets/165852/mulheres-rac3a7a-e-classe.pdf>. Acesso em: 15/02/2018

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Dicionário Aurélio**. Curitiba: Positivo, 2006.

FREYRE, Gilberto. **Casa Grande & Senzala**: formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal, 30<sup>a</sup> edição, Rio de Janeiro: Record, 1995.

GARCIA Carla Cristina. **Breve História do Feminismo**- São Paulo: Claridade, 2015.

GREGOLIN, Maria do Rosário. **Olhares oblíquos sobre o sentido no discurso**. In: GREGOLIN, Maria do Rosário. BARONAS, Roberto (Orgs). **Análise do discurso: as materialidades do sentido**. São Carlos (SP): Claraluz, 2001. p. 02-16.

LE MOS, Rosalia de Oliveira. **Feminismo negro em construção**: a organização de mulheres negras do Rio de Janeiro. Dissertação de Mestrado. Instituto de Psicologia. Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1997.

LIMA, Marcos André Queiroz de. **Hashtags de cunho racista: efeitos de sentido e formas-sujeito em comentários e relatos em redes sociais**. Dissertação de mestrado. Programa de Pós-Graduação em Estudo de Linguagens da Universidade do Estado da Bahia (UNEB), Salvador, 2016.

MAIA, Rousiley Celi Moreira. **Redes cívicas e internet**: do ambiente informativo denso às condições da deliberação pública. In: EISENBERG, J.; CEPIK, M. (Ed.) Internet e política: teoria e prática da democracia eletrônica. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2002.

MALDIDIER, Denise. Elementos para uma história da Análise do discurso na França. In: ORLANDI. E.P. (org.) **Gestos de leitura**: da história no discurso. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1997.

NUNES, Camila Xavier, et al. **Desconstrução da imagem da mulher negra na Bahia**. In AZEVEDO, Ana Francisca; REGO, Nelson (Orgs) .**Geografias e (In)visibilidades: Paisagens, Corpos, Memórias**. Porto Alegre, Compasso Lugar-Cultura, 2017.

ORLANDI, Eni. **Análise de Discurso: Princípios e procedimentos**. Editora Pontes. Campinas, SP, 2005.

PEÇA PUBLICITÁRIA de prevenção à violência contra mulheres da Secretaria Municipal de Políticas para Mulheres, Infância e Juventude da Prefeitura de Salvador-Ba. Disponível em: <https://www.facebook.com/spmj.salvador/>. Acesso em: 12 de abril de 2018.

PÊCHEUX, Michel. **Semântica e discurso: uma crítica a afirmação do óbvio**. Trad.: Eni Orlandi. Campinas: UNICAMP, 2011.

PÊCHEUX, Michel. **Papel da Memória**. ACHARD... (et al.). Trad. NUNES, José Horta. Papel da memória. Campinas, SP: Pontes, 1999. P.49 a 65.

PÊCHEUX, Michel. **O Discurso: Estrutura ou Acontecimento**. Trad. Enni Orlandi. 2º ed- Campinas, SP: Pontes, 1997.

PÊCHEUX, Michel, FUCHS, Catherine. **Análise automática do discurso (AAD-69)**. In: GADET, Françoise, HAK, Tony. Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux, 3 ed. Campinas: Unicamp, [1997], 2010, p.61-162.

**SANTANA NETO, J. A.** A fundação da cidade de Salvador no romance histórico contemporâneo. In: SOBRAL, G. N. T.; LOPES, N. da S.. (Org.). Salvador em preto e branco. 1ed. Salvador: Quarteto, 2013, v. 1, p. 11-26.



# MULHER EM (DIS)CURSO



[www.atenaeditora.com.br](http://www.atenaeditora.com.br) 

[contato@atenaeditora.com.br](mailto:contato@atenaeditora.com.br) 

[@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora) 

[www.facebook.com/atenaeditora.com.br](https://www.facebook.com/atenaeditora.com.br) 

 **Atena**  
Editora

Ano 2020

# MULHER EM (DIS)CURSO



[www.atenaeditora.com.br](http://www.atenaeditora.com.br) 

[contato@atenaeditora.com.br](mailto:contato@atenaeditora.com.br) 

[@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora) 

[www.facebook.com/atenaeditora.com.br](https://www.facebook.com/atenaeditora.com.br) 

Atena  
Editora

Ano 2020